

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISADORA NEGRÃO MORENO

O papel do cinema na formação da imagem dos Estados Unidos no cenário internacional:
posicionamento durante o período da Guerra Fria

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Relações Internacionais da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(PUC-SP), como exigência parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Relações
Internacionais.

Orientador: Augusto Leal Rinaldi.

São Paulo

2023

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é dedicado para todo aqueles que estiveram comigo durante os últimos 4 anos. Sem o apoio e o suporte de todos os meus colegas, nenhuma das palavras que foram escritas a seguir teriam sido finalizadas. Gostaria de agradecer em especial a minha mãe por ter me criado e me impulsionado até os dias de hoje. Obrigada por tudo, este trabalho apenas foi concluído por que antes de tudo, você fez o seu trabalho de forma perfeita.

RESUMO

A pesquisa tem por objetivo apresentar de que forma o cinema atuou e atua para estabelecer a imagem de um Estado dentro do cenário internacional. Contudo o trabalho terá enfoque em país específico, os Estados Unidos, e como ele transformou o cinema - um dos recursos de *soft power* mais populares, como será abordado – em uma das principais ferramentas para formação de sua imagem durante o período da Guerra Fria. Através de uma retomada à Guerra Fria, e sua divisão em 5 períodos, é possível analisar como a indústria cinematográfica dos EUA se comportaram em cada um desses anos, ao ponto de moldar a forma que a população, num âmbito mundial, enxergariam as suas ações, até enxergarem apenas a vitória do país e não tudo o que há por trás dela.

Palavras-chave: *Soft Power*. Cinema. Guerra Fria. Estados Unidos.

ABSTRACT

This research aims to present how the cinema acted and still acts to establish the image of a state within the international scenario. However, the work will focus on a specific country, the United States, and how it transformed the cinema - one of the most popular soft power resources, as will be discussed - into one of the main tools for the formation of its image during the Cold War period. Through a resumption of the Cold War, and its division into 5 periods, it is possible to analyze how the US film industry behaved in each of these years, to the point of shaping the way the population, on a worldwide scale, would see its actions, until they saw only the country's victory and not everything behind it.

Keywords: Soft Power. Cinema. Cold War. United States.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Apollo Creed vestido de Tio Sam em sua apresentação para a luta contra Ivan Drago	21
Figura 2 –	Rocky Balboa segurando Apollo Creed após sua morte na luta	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EUA Estados Unidos

Otan Organização do Tratado do Atlântico Norte

URSS União Soviética

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	XX
1	<i>SOFT POWER: O QUE É E COMO É USADO</i>	XX
2	RETOMADA À GUERRA FRIA: POLÍTICA EXTERNA DOS EUA	XX
2.1	Confrontação	XX
2.2	Coexistência	XX
2.3	<i>Détente</i>	XX
2.4	Confrontação renovada	XX
2.5	Retomada do diálogo	XX
3	O CINEMA COMO <i>SOFT POWER</i>	XX
3.1	EUA e o uso da indústria cinematográfica	XX
3.2	O cinema na Guerra Fria: <i>Rocky Balboa</i>	XX
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	XX
	REFERÊNCIAS.....	XX

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem por objetivo apresentar de que forma o cinema atuou e atua para estabelecer a imagem de um Estado - no caso desse trabalho, os Estados Unidos - no cenário internacional e de que forma ele influencia a opinião pública da população de maneira a criar tendências nos âmbitos doméstico e internacional.

O século XX foi marcado por conflitos marcantes – Primeira e Segunda Guerra Mundiais, além da Guerra Fria (1947 - 1991) – que foram movimentos importantes para a mudança de centralização do mundo, que saiu da Europa em direção aos Estados Unidos (EUA). Com essa transição e as novas tendências mundiais de globalização, que modificaram não só os pontos focais, mas também as formas de poder de um Estado. segundo Ferreira (2019, p. 3), as questões que envolviam o controle de um Estado eram pautadas em capacidades econômicas e bélicas, entretanto eles “passaram a explorar uma distinta capacidade de poder: o poder brando ou *soft power* segundo Nye Jr”. O cinema, nesse sentido, passa a ser uma das ferramentas utilizadas nessa política. Com a percepção de que a elaboração de um bom discurso e uso de imagens simbólicas - que despertassem um sentimento de identificação e interesse na sociedade – eram mais eficazes à promoção de suas ideias aos Estados, os países, principalmente os EUA, investiram no desenvolvimento de uma indústria cinematográfica – nomeada Hollywood – que dominasse globalmente.

O período da Guerra Fria pode ser útil para entender a importância do cinema nas Relações Internacionais. Como apresentado por Carvalho e Rosa (2018, p. 2), em um período de incerteza e insegurança que se seguiu, “a imagem produzida nos filmes conseguiu alcançar a sua maior efetividade tendo na disseminação do ódio a sua maior contribuição, influenciando, mudando ou reforçando atitudes e opiniões sociais”. Um dos filmes que representa de forma nítida a manipulação da imagem é Rocky IV (1985), que difere de forma nítida o Herói norte-americano e o Inimigo soviético. Dessa forma, apresenta-se a construção de uma imagem consolidada de poder e soberania estadunidense perante os perigos externos para com o cenário internacional. Mesmo que essa não fosse a real situação, como será apresentado nas próximas páginas, a imagem exposta pelos EUA é a que ficou mais popularmente conhecida e a que é reproduzida pela sociedade civil como um todo, em resumo, a imagem que importa no final.

Na primeira seção dessa dissertação, reaverei os conceitos de *soft power* apresentados por Joseph Nye, no qual não se deve considerar o poder bruto, muitas vezes representado pelo força militar, como única forma de coerção efetiva. Há outras formas de poder que não são necessariamente tangíveis, mas sim manipulativos para que se consiga o que queira através da

cooptação e da ameaça. O cinema, como será tratado ao longo da dissertação, é um desses meios, que não usado para manipulação diretamente a política de Estado, mas sim através da influência indireta em seus ideias e cultura.

Já na segunda parte será feita uma retomada ao período da Guerra Fria, com enfoque na política externa dos Estados Unidos no período. A análise é feita com base nos conceitos desenvolvidos pela professora de Relações Internacionais Cristina Pecequilo, nos quais podemos dividir a Guerra Fria em cinco períodos: confrontação, coexistência, *détente*, confrontação renovada e a retomada ao diálogo. Todos esses períodos serão abordados nesse segunda parte que servirá como base para a compreensão dos períodos de cada filme referidos no capítulo seguinte

Agora na terceira e última seção, esta dividida em duas partes. Na primeira delas, será feita uma abordagem do cinema como ferramenta de *soft power* e como os Estados Unidos fizeram uso dele para moldar a sua imagem na conjuntura. Já na segunda parte, será feita a análise dos quatro primeiros filmes da série cinematográfica *Rocky*¹ que demonstra na prática como os EUA utilizaram o cinema para influenciar o cenário internacional.

¹ *Rocky*: Um lutador. Direção: John V. Avildsen. Produção: Robert Chartoff; Irwin Winkler. Estados Unidos, 1976.

Rocky II: A revanche. Direção: Sylvester Stallone. Estados Unidos, 1979.

Rocky III: O desafio Supremo. Direção: Sylvester Stallone. Estados Unidos, 1982.

Rocky IV. Direção: Sylvester Stallone. Estados Unidos, 1985

1. SOFT POWER: O QUE É E COMO É USADO

A fim de adaptar a política externa americana, Joseph Nye (1990) concebeu a ideia de *soft power*, em que o poder não seria limitado a recursos militares e recursos econômicos, mas também incluiria a capacidade de atrair e cooptar um Estado. Para que se possa compreender melhor esse conceito é preciso voltar, primeiramente, aos conceitos de poder. Para Dahl temos que a noção de poder infere na “habilidade para conseguir que outra pessoa faça alguma coisa que de outra forma não seria feita” (DAHL, 2001). Outros atores como Morgenthau e Aron sugerem, a partir da visão de um sistema internacional, que o poder é a capacidade de cada Estado influenciar os demais a agirem de certa maneira, ou o contrário, e de impor sua vontade à outras unidades políticas também, respectivamente (ARON, 1966).

O poder pode ser resumido, de forma geral, como “a capacidade de fazer ou conseguir aquilo que se almeja, ou mesmo, a capacidade de afetar o comportamento de outros para fazer coisas acontecerem” (JUNIOR, 2016, p. 11). Contudo, ao tratar do poder em sua essência, emerge-se a problemática de que não se pode definir o poder de um Estado o se basear somente em seus recursos e capacidades materiais, econômicas e sociais. De acordo com o autor o “equilíbrio de poder”, que em teoria, poderia ser controlado por estes na fatores, na verdade podem ser contraditórias, sendo que os países tendem a se aliar àqueles que aparentam ter a maior força, mas não necessariamente ocupam aquela posição.

Todos os recursos citados anteriormente são o que Nye denomina de *hard power*, ou poder brando, que “centra-se nas raízes das forças militares e econômicas e é uma forma mais tradicional de poder, ameaçando e induzindo o outro de maneira direta” (JUNIOR, 2016). Essencialmente, Nye define o *soft power* como uma forma sutil e indireta de exercer o poder, sem ameaças e coerção; feito não apenas como um meio de influenciar o comportamento e as preferências de outros grupos, mas como um meio de influenciar os interesses de outros países. O autor ressalta em seu texto que: “Ganhar corações e mentes sempre foi importante, mas na era da informação global, é mais ainda” (NYE, 2004). Ainda é importante reconhecer que, mesmo quando este tipo de poder não está diretamente envolvido, ele desempenha um papel significativo na obtenção de apoio e colaboração de dois outros atores internacionais.

Em resumo, pode-se definir o conceito de *soft power* da seguinte forma:

É a capacidade de obter o que deseja através da atração, em vez de coerção ou de pagamentos. Ela surge a partir da atratividade da cultura de um país, ideais políticos e políticas. Quando as nossas políticas são vistas como legítimas aos olhos dos outros, nosso soft power é reforçado⁷ (NYE, 2004, p. X do prefácio, tradução nossa).

Há alguns autores que criticam os textos de Nye. Segundo eles, o autor nega a associação de dependência entre coerção (poder bruto) e consenso (poder brando) e tenta distinguir os dois conceitos como poderes independentes. Além disso, por conta dessa indissociabilidade, Nye tende a simplificar a constituição de Estado, sem levar em consideração alguns fatores internacionais importantes, como o desenvolvimento desigual e combinado da economia capitalista que atinge diferentemente cada país (MAIER, 2016). Contudo, quando se trata de entender as forças "intangíveis", como a cultura e os valores políticos, o conceito de *soft power* apresentado pelo norte-americano apresenta uma explicação mais fácil e aplicável a casos reais e não somente metodológicos, o que torna esse conceito muito útil para pensar o mundo contemporâneo.

Como Nye (2004) aponta, o *soft power* deriva principalmente de três fontes: a cultura de um país, seus valores políticos e sua política externa. Além disso, alguns estudiosos o veem como uma atração ideológica exercida pelo poder cultural de um país, mas a eficácia desse recurso depende do contexto. Tomemos por exemplo os filmes que mostram os Estados Unidos como figuras centrais vitoriosas, que foram eficientes na Guerra Fria contra a União Soviética, dando imagens aos discursos políticos.

Outro exemplo é o caso específico da difusão da cultura dos Estados Unidos pelo mundo. Nye argumenta que

(...) a universalidade da cultura de um país e sua capacidade de estabelecer um conjunto de normas e instituições favoráveis que governem setores da atividade internacional são fontes decisivas de poder. Os valores da democracia, da liberdade pessoal, da mobilidade pessoal e abertura, frequentemente expresso na cultura popular americana, a instrução superior e a política externa contribuem com o poder do nosso país em muitas áreas (NYE, 2002, p.39).

Quer sejam políticas nacionais ou internacionais, as políticas governamentais são vistas como fonte de *soft power*, dependendo da medida em que refletem opiniões da comunidade internacional sobre eles. Políticas que parecem ser egoístas, arrogantes e hipócritas podem diminuir esse tipo de poder, ao passo que o contrário também ocorre, desse modo a opinião pública internacional determina se as ações de um país são boas ou más.

Nye (2002) também afirma que, com a globalização, os países mais fortes no que se refere ao seu *soft power* assumirão uma posição preponderante no cenário internacional. Nessa nova era da informação global, ele afirma que os países que irão adquirir esse poder

(1) são aqueles cujas ideias dominantes escultura mais se aproximem das normas globais prevalecentes (que atualmente enfatizam o liberalismo, o pluralismo e a autonomia). (2) aqueles que mais acesso têm múltiplos canais de comunicação e,

portanto, mais influência exercem sobre a formulação das questões e (3) aqueles cujo desempenho interno e internacional lhes aumenta a credibilidade. (NYE, 2002, p.123).

Ou seja, existem três modos através dos quais um país pode angariar *soft power*: exportar e promover a sua cultura em todo o mundo, adaptando-se simultaneamente a culturas globais dominantes; obter e aumentar o controle sobre os meios de comunicação; e, finalmente, ter uma maior confiança em dois outros atores do sistema internacional.

É possível notar que a cultura é considerada uma importante ferramenta política, isso se dá devido à possibilidade de identificação individual promovida, que é a matriz geradora de futuros pensamentos e ações políticas (JUNIOR, 2016). Segundo Nye, quando a cultura de um país passa a incluir valores universais e suas políticas passam a promover ideias compartilhadas por outros também, aumenta a possibilidade de alcançar os objetivos planejados devido à conexão estabelecida pelos interesses em comum em conjunto com a sensação de dever que é criada (NYE, 2004).

2. RETOMADA À GUERRA FRIA: POLÍTICA EXTERNA DOS EUA

Para que se possa fazer uma análise centrada da política norte-americana é necessário entender que ela tem por base, segundo Pecequilo (2003), algumas prioridades que guiam o engajamento dos EUA na política internacional, são eles: o experimento norte-americano, o isolacionismo e o unilateralismo, a expansão das fronteiras, o sistema americano e a esfera regional, o império norte-americano, as portas abertas e o wilsonianismo.

Como se pode notar, os EUA sempre se perceberam como um país “diferente e especial” em comparação aos demais, por conta disso tinham quase um “dever” de servir de exemplo para a humanidade. Dessa forma, o país iniciou a sua expansão no terreno internacional, mas não de forma física e territorial, mas sim através de polos de influência e difusão de políticas. Através de uma liderança ativa dos Estados Unidos para conduzir o sistema, criando as condições para sua projeção, foi traçado um caminho para que houvesse, de forma definitiva, a construção de uma ordem global (PECEQUILO, 2003).

Ao final da Segunda Guerra, os EUA passavam a enxergar cada vez mais a sua importância dentro do cenário internacional – não há muito tempo já havia a percepção da correlação direta entre seu progresso e a estabilidade global. Nesse contexto, houve três pontos que definiram a posição dos EUA durante o período pós-guerra: primeiro, a Segunda Guerra deu por encerrar completamente a posição da Europa, e de suas grandes potências, como figuras centrais das relações internacionais, desencadeado por um declínio político, econômico e sem chances de recuperação imediata. A queda das grandes potências teve um papel importante para os movimentos de descolonização que se desmembraram nos antigos impérios na Ásia e na África, muitos deles incentivados e patrocinados pelos EUA.

Segundo, os Estados Unidos foi o país mais beneficiado por esse conflito; isso se deu pois o país não teve seu território ou população atingidos diretamente pela guerra, sofreu as menores perdas e, principalmente, pôde recuperar sua economia, entrando em um período de crescimento e expansão, atingindo proeminência produtiva, comercial e financeira no sistema (PECEQUILO, 2003).

Terceiro, os EUA não estavam sozinhos nesse cenário, mesmo com as perdas da guerra, houve outro país que conseguiu emergiu ao lado dele após o declínio europeu, a União Soviética (URSS). Estavam claras as movimentações nos eixos de poder dentro do cenário internacional, e esses dois países teriam que trabalhar dentro dessa realidade.

Se até antes da 2ª GM os EUA não se envolviam ativamente na administração do sistema internacional, no início da Guerra Fria o cenário era diferente. O país agora se encontrava na linha de frente de poder e passou a se organizar para construir uma ordem cooperativa internacional, que seria liderada pelos Estados Unidos. Essa nova ordem tinha como objetivo fornecer novos padrões de relacionamento e coordenação de políticas no sistema que impedissem a eclosão de um novo conflito global. O processo de construção da ordem foi uma expressão prática da missão norte-americana de moldar o mundo à sua imagem e semelhança – democrática e liberal – e de sua pretensão em considerar como válido somente seu modelo de organização da sociedade (PECEQUILO, 2003).

Além do novo desejo de centralização pelos Estados Unidos, a possível expansão do comunismo fez com que o país desenhasse redes para tentar impedir o crescimento, regional e global, dos soviéticos. Esperava-se construir uma ordem internacional estável e duradoura e que também evitasse a consolidação e o aumento de influência do poder rival.

Apesar de seu caráter democrático e aberto, que buscava a paz, a prosperidade e a liberdade, a ordem que os Estados Unidos começaram a criar dependeu de uma realidade bastante concreta de poder: a hegemonia. Devido à sua hegemonia, o país foi capaz de concentrar não somente os recursos, mas também a legitimidade para agir, combinando equilibradamente todas as dimensões de seu poder: a estrutural, a institucional e a situacional. (PECEQUILO, 2003, p.135).

Em resumo, os EUA fizeram uso de diversos recursos para estabelecer sua hegemonia, desde recursos concretos de poder – dimensão estrutural – à criação de instituições e organizações que pudessem sustentá-lo – dimensão institucional. Além disso, fontes alternativas de poder também foram utilizadas para ampliar a aceitação dos EUA pelos outros Estados, dentre as quais se destaca o cinema e a influência cultural atingindo diretamente a sociedade civil. Com o tempo, essa ferramenta tornou-se figura central para a disseminação da imagem dos EUA no mundo e consequentemente tentativa de buscar aceitação de sua posição hegemônica no mundo.

Entre 1945 e 1947, a gradual separação de interesses e a oposição entre os EUA e a URSS lançaram as origens da Guerra Fria que definiram todo o cenário internacional pelas décadas seguintes, que pode ser dividida nas seguintes fases.....

A seguir, abordaremos separadamente cada uma destas fases..

2.1 Confrontação (1947-62)

Logo após o fim da Segunda Guerra, a política internacional, apesar de fragilizada, manteve o equilíbrio entre as duas potências em ascensão, sem que a aliança estabelecida fosse quebrada. Porém, a partir da segunda metade de 1945 até 1947, o relacionamento entre as superpotências passou a se deteriorar gradativamente, dando início à Guerra Fria. O ano de 1946, foi considerado o ponto de virada que colaborou para eclosão do conflito entre as duas grandes potências da época, devido a interferência soviética na questão greco-turca, que demonstrou abertamente as intenções de expansão da URSS, o que também significa a expansão do comunismo, de acordo com a visão ocidental. Como reação a essas ameaças, os Estados Unidos iniciaram uma política de contenção que tinha como missão proteger os povos livres da ameaça comunista.

A ideologia comunista era, sob esse ponto de vista, um risco não só à sobrevivência dos Estados Unidos, mas a todas as nações e povos que compartilhavam os mesmos valores de democracia e liberdade patrocinados pelos norte-americanos. A percepção desta diferenciação e incompatibilidade de visões de mundos, representantes de modos de vida sociais, políticos, culturais e econômicos opostos, é uma entre muitas razões que são levantadas para explicar o distanciamento entre os Estados Unidos e a União Soviética e o respectivo endurecimento de políticas que levou à Guerra Fria. No extremo, considerava-se que seria impossível a convivência entre estes dois modos de vida, pois o sucesso de um levaria à eliminação do outro e vice-versa. (PECEQUILO, 2003, p.141).

Muitos autores consideram a oposição ideológica como um dos principais alicerces da contenção, porém a nítida diferença entre os modos de vida não pode ser utilizada como única justificativa para o conflito. A incompatibilidade das duas potências, que se concretizaram como os dois polos principais após a Segunda Guerra, deve ser considerada como um dos fatores que deu início à Guerra Fria, porém é necessário ter claro que o real motivador para sua eclosão foi resultado dos reais confrontos de interesse entre as duas. A Guerra Fria foi, portanto, uma luta entre dois sistemas opostos que tinham em comum o objetivo de expandir-se, trabalhando efetivamente para a decadência um do outro.

Se no início da estratégia de contenção os EUA focaram seus esforços na Europa, região considerada mais suscetível às investidas soviéticas, depois de um tempo eles passaram a estender suas políticas anticomunistas a todas as nações, principalmente aos territórios mais vulneráveis próximos aos palcos estratégicos europeus e asiáticos, como o Vietnã e outros países do Terceiro Mundo – que eram vistos pelas duas superpotências como centros de atração para a expansão de seus poderes (PECEQUILO, 2003).

A contenção teve alguns marcos que podem ser considerados “principais” em sua duração como: a aplicação do Plano Marshall, no setor econômico e a criação da Organização

do Tratado do Atlântico Norte (Otan), na parte de securitização como um todo. Além dessas duas políticas, houve, em 1950, o maior acirramento da contenção com a instituição da NSC-68, que pregava a mobilização para a guerra e a militarização da política externa. Alguns autores, como George Kennan, questionam que os esforços de norte-americanos deveriam focar-se, principalmente, nos meios políticos e econômicos, não tendo necessidade do foco na força militar. Porém, os desenvolvimentos da Guerra Fria, segundo as visões do próprio governo, não permitiam que a contenção fosse aplicada apenas nesses dois meios.

Com a União Soviética ganhando cada vez mais espaço no cenário internacional, os EUA viam-se na obrigação de aumentar e melhorar cada vez mais seu arsenal, inclusive o armamento nuclear. Mesmo que fosse de conhecimento comum que as armas nucleares não deviam e nem podiam ser utilizadas, não se questionava a sua produção em si, mas sim qual a importância e a simbolização delas para o conflito que estava sendo travado, a concorrência entre as superpotências ocorreria pelo acúmulo e qualidade desses equipamentos e não pelo seu uso real.

No fim, é possível descrever esse primeiro período como passivo no que se trata à contenção dos avanços da URSS, porém ativo na promoção de regimes que se opõe ao regime soviético. Dessa forma, ela pode ser resumida a três objetivos centrais: a contenção da União Soviética, a contenção do comunismo e a promoção e expansão da democracia e dos livres mercados.

2.2 Coexistência (1963-69)

A era da confrontação que se iniciou em 1947 com o governo Truman (período de gestão), encontrou seu fim durante o governo Kennedy em 1963. Após a Crise dos Mísseis em Cuba, 1962, que quase levou ao conflito direto entre as superpotências, com o risco de destruição mútua, iniciou-se uma nova fase de aceitação de seus espaços, isto é, a coexistência. As disputas por zonas de influência não sofreram mudanças, principalmente nas periferias do globo, e nenhuma das potências desistiu de suas políticas de conquista e intervenção, porém outra preocupação passava a chamar a atenção dos dois polos, o nivelamento internacional.

Devido às movimentações promovidas anteriormente, observa-se o surgimento de uma multilateralização – recuperação do bloco ocidental e estabilização do oriental, além do surgimento do Terceiro Mundo – que começou a tirar espaço dos EUA e URSS na estrutura de poder mundial. Além disso, também houve maior participação de instituições e organismo internacionais e organizações não-governamentais nos polos de influência, restringindo ainda

mais a capacidade dos Estados em agir no cenário internacional (PECEQUILO, 2003). Em consequência de todos esses fatores, pode-se observar um declínio relativo do poder das superpotências, que de forma reativa se organizaram no que se pode denominar “coexistência competitiva”, na qual as duas passaram a perseguir objetivos comuns para manter sua posição ante as demais ameaças externas; a autopreservação estava em maior crise que as diferenças entre os dois polos.

Contudo, a instituição do não conflito direto entre as duas potências não cessou as origens da contenção ou da bipolaridade, apenas reorganizou as prioridades e as formas de ação de cada país. Os Estados Unidos permaneceram a agir para impedir os avanços do comunismo, porém redirecionando suas intervenções da URSS aos movimentos contrarrevolucionários que aconteciam nas periferias, como foi o caso do Vietnã. Esse conflito gerou um longo questionamento dentro do próprio país sobre o papel e o lugar dos EUA no mundo. Devido a isso, nos anos que se seguiram o país teve que se colocar de uma outra forma na guerra, o que ficaria conhecido como o período da “*détente*”.

2.3 *Détente* (1969-79)

Para os Estados Unidos, o envolvimento no Vietnã causou grande impacto, tanto interna quanto externamente. No campo doméstico, ele representou a abertura dos questionamentos à sua política externa, sendo contestado sobre a validade da contenção. Já do lado externo, a vitória impossível contra um país considerado inferior, invalidava a sua credibilidade e questionava a sua liderança global. “Em termos práticos, o refluxo do poder norte-americano afetou os Estados Unidos e o sistema que se viu desprovido de sua potência hegemônica reguladora” (PECEQUILO, 2003, p. 192).

Em reação à decadência relativa de sua posição e ao próprio cenário econômico internacional não favorável – quebra de Bretton Woods, retração da economia norte-americana e a crise do petróleo – os EUA entraram em um novo padrão de comportamento, a estratégia de *détente*. Essa fase alterou a política estadunidense quebrando alguns de seus padrões mais tradicionais, a perseguição e combate direcionado ao comunismo. A Guerra Fria passou a ser vista como uma disputa geopolítica a longo prazo. Depois de um período marcado pela confrontação explícita, iniciariam agora uma fase de negociação. Segundo Kissinger (1994), os Estados Unidos estavam em um período de transição de seu poder, passando da hegemonia (da preponderância) para a liderança.

Kissinger e Nixon – Presidente dos EUA entre 1969 e 1972 – perceberam que o poder internacional estava caminhando da bipolaridade à multipolaridade, o que, segundo eles, podia levar ao equilíbrio de poder, que permitiria um relaxamento das tensões entre Estados Unidos e União Soviética. Com isso em mente, os EUA passaram a se articular para atrair e reestabelecer as relações diplomáticas com a outra potência crescente restante, isto é, a China.

A ligação de políticas funcionou como um mecanismo de correlação de políticas e iniciativas diplomáticas, complementando o relacionamento bipolar por uma série de acordos e conjuntos de regras e restrições mútuas que beneficiariam ambas as superpotências, promovendo um arrefecimento do conflito. Priorizavam-se no relacionamento com a União Soviética as áreas onde a cooperação era possível, elevando o perfil do intercâmbio. Ao longo prazo, a cooperação nas áreas escolhidas se estenderia por todo o relacionamento e, mais importante, era possível, dessa maneira, encontrar pontos sensíveis à aproximação que tornassem a União Soviética dependente dos Estados Unidos. (PECEQUILLO, 2003, p. 199).

Apesar das novas políticas e do novo estabelecimento da ordem, muitos grupos estavam insatisfeitos com o equilíbrio de poder citado por Kissinger ou a “estrutura da paz” promovida por Nixon, pois, segundo esses grupos, passavam uma imagem de concessão excessiva que seria aproveitada pelos adversários, pela falta de posicionamento de demonstração de força. Com a eleição de Carter em 1977, a política externa norte-americana passou novamente por uma mudança, com o intuito retornar à busca pela hegemonia e estabelecimento como ator central na ordem.

2.4 Confrontação renovada (1979-85)

Em 1979, Carter acirrou suas políticas com o intuito de recuperar a imagem dos Estados Unidos, que era vista no momento como fracos e incapazes. Carter promoveu um aumento de gastos no setor de defesa e políticas de pressão ante a União Soviética, a “militarização da economia” (CHOMSKY, 2007), além de romper com acordos comerciais, como a venda de grãos e tecnologia e boicotando os Jogos Olímpicos de Moscou em 1980. Foi nesse período que pode-se observar os resultados da “calmaria” da *détente*, que acirrou ainda mais a rivalidade política e ideológica entre os dois países, o que levaria ao apoio à revoltas e revoluções que ocorriam em países na Europa e no “Terceiro Mundo”.

Como exemplo desse período é possível citar a Invasão soviética ao Afeganistão, em 1979. A guerra foi travada entre a Resistência Islamita Mujahideen apoiada por alguns países, dentre eles os EUA contra a União Soviética, que se retiraram do território em 1989 dando fim

ao conflito. Além disso, também pode-se citar a Invasão de Granada, em 1983, liderada pelos EUA com o objetivo de impedir a ascensão de um governo marxista-leninista alinhado a URSS.

Foi somente com a eleição de Reagan em 1980 – e ficaria no governo até 1989 - que a opinião pública norte-americana começou a ver os Estados Unidos novamente com olhos de vitória. No período que ficou conhecido como “Era Reagan”, o presidente da época retomou o discurso da contenção bem alinhado com o discurso inicial da Doutrina Truman, ou seja, reerguer a defesa contra o perigo comunista (JUNIOR, 2016). Agora, era clara a idealização do papel dos Estados Unidos no mundo: combater a União Soviética e sua ideologia. Quase que como uma nostalgia, os EUA pareciam acreditar, de novo, fielmente que eram os únicos considerados capazes de conduzir e implementar a democracia e seus valores no cenário internacional e consequentemente impedir os avanços soviéticos de ascensão. Apesar das políticas acirradas de embargo econômico à União Soviética, justificado pela invasão ao Afeganistão, e uma tentativa de retomar a corrida armamentista – programa Guerra nas Estrelas – que acirraram ainda mais a relação entre as duas potências, a partir de seu segundo mandado o presidente a estratégia adotada pelo presidente levou aos diálogos que marcariam o fim da Guerra Fria.

A grande política e estratégia de Reagan foi restabelecer a confiança dos Estados Unidos e saber o momento certo de estabelecer uma nova cooperação, sem que fosse um ato de fraqueza por não ser capaz de liderar o sistema, mas um ato de pacificação de uma grande nação. Ao entrar em 1981, Reagan focou em mudar “a correlação de forças no sistema internacional, que favorecia presentemente a União Soviética, por meio de uma aplicação adequada de força, democracia e liberdade por parte dos Estados Unidos” (PECEQUILO, 2003, p. 207). Com o poder soviético sofrendo uma própria crise doméstica, por não possuir estruturas suficientes para que pudesse administrar sua posição no cenário internacional, os Estados Unidos precisaram fazer apenas um pouco de pressão, barrando os avanços soviéticos no Terceiro Mundo e impedindo a chegada de tecnologia ao país, aos poucos a URSS iria acabar por conta própria.

Assim, nos poucos anos que se seguiram, um padrão diferenciado entre os dois países, fez com que saíssem do confronto intenso à cooperação em pouco tempo, conforme o cenário e o intercâmbio evoluíam.

2.5 Retomada do diálogo (1985-89)

A competição incentivada pelos Estados Unidos foi capaz de desequilibrar a União Soviética, cujos recursos para responder ao desafio norte-americano se mostravam cada vez mais escassos e, em alguns casos, até inexistentes. Porém, não era só a URSS que se mostrava incapaz de acompanhar essa velocidade, o próprio EUA já estava sofrendo os efeitos do conflito estendido. Em resumo os dois países já apresentavam sinais de desgastes com a superextensão imperial.

Contudo, mesmo com problemas, a situação norte-americana era melhor que a soviética, tanto que as propostas de relaxamento das tensões partiram de Gorbachev, Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética no período, do lado da URSS. Sua estratégia assemelhava àquela proposta por Kissinger e Nixon durante a *détente*, relaxar as tensões no exterior, para que pudesse focar em outras prioridades, permitindo, talvez uma reemergência no futuro. Foi reafirmada pelos dois países a disposição de buscar segurança pela parceria e não pela força, por meio de estruturas comuns e compromissos (PECEQUILO, 2003).

Apesar do fim da Guerra Fria ter como símbolo oficial a queda do Muro Berlim em 1989, o fim da bipolaridade já era percebido pela mudança intensa na Europa Oriental e sua revoluções políticas pacíficas. Em um curto período de tempo, com o fim dos confrontos diretos entre as duas potências, a Guerra também chegou ao seu final, com a conclusão de que um dos polos do conflito não era mais capaz de sustentar competição com outro lado e manter seu poder no cenário internacional.

3. O CINEMA COMO *SOFT POWER*

Em vista da base teórica apresentada na primeira seção, a partir de agora o trabalho focará na cultura como um ativo de *soft power*. Segundo Nye (2004), a cultura pode ser definida como um conjunto de práticas que afirmam o significado de uma sociedade. Esta, por se apresentar de várias formas e pode ser dividida entre: alta cultura - como literatura e artes - que tem uma tendência a abranger, na maior parte das vezes, as elites, e a cultura popular - como o cinema e a televisão - que são direcionadas ao entretenimento da massa.

Esse segundo padrão, a cultura popular se tornou um ponto muito importante para a política externa estadunidense, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, tendo em vista que seu papel na disseminação de ideias ajudou a ganhar o coração e a mente da população em um contexto de bipolaridade (RODRIGUES, 2015). O entretenimento popular frequentemente apresenta imagens subliminares e mensagens que ressaltam os valores do país de origem, o que provoca efeitos políticos importantes. Em entrevista com Emerson Brito (2022)², ele diz que a narrativa do filme, da linguagem cinematográfica usa dos detalhes para ampliar e intensificar sua história. O cinema ter por objetivo ser um objeto de influência, os fins para os quais serão usados – sejam bons ou ruins – irão depender de quem constrói a narrativa. Ou seja, a narrativa dentro do audiovisual é e pensada e orquestrada – desde a posição dentro de uma cena, até a luz que é direcionada e as roupas – para transmitir uma mensagem.

Dentro dos índices da cultura popular, o cinema tornou-se uma ferramenta-chave para a manutenção do poder dos Estados Unidos. Em uma conversa com Guilherme Bryan (2022)³, ele comenta que no caso específico dos EUA não é à toa, que o órgão que regulamenta e cuida do cinema norte-americano fica do lado da Casa Branca, não em Los Angeles como muitos pensam. Isso é sintomático de quanto o Estado vê o cinema como algo relevante, tanto para política interna de formação de identidade, quanto para política externa na formação de polos de influência e poder. A indústria de filmes de Hollywood se tornou um grande centro de difusão dos valores estadunidenses, sobretudo pela forma atrativa e emocionante que as histórias são retratadas, através de contos de amor superestimados que terminam sempre em finais felizes, quase sempre inimagináveis; ou por meio da construção de um herói que protege

² Docente da Faculdade Belas Artes de São Paulo nos cursos de Graduação em Comunicação e Design e Pós-Graduação em Direção de Arte e Cenografia, além de especialista em Direção de Arte.

³ Coordenador e professor de cursos de cinema na Belas Artes de São Paulo.

o seu país e valores de forma honrada e majestosa, quase sempre interpretado por um homem belo e jovem, os filmes de super-heróis são uma exemplificação desse tema.

3.1 EUA e o uso da indústria cinematográfica

O cinema surgiu por volta de 1895 na França através dos irmão Lumière, Auguste e Louis. Contudo foi apenas em 1902, que George Meilés ressignificou o cinema através da adaptação literária aos filmes, que antes eram apenas algumas imagens compiladas sem histórias por trás. A partir da década de 1910 as industrias cinematográficas européias e norte-americanas passaram a utilizar os filmes para demonstrar os avanços tecnológicos e industrias que ocorriam em seus territórios, aumentando dessa forma a produção, distribuição e exibição dos filmes. Essas ações acarretaram no aumento dos lucros no cinema, trazendo estabilidade para indústria para que ela pudesse se fixar como uma instituição.

Num cenário de Primeira Guerra (1914), a indústrias de cinema da Europa iniciaram um período de crise, o que possibilitou aos Estados Unidos, com um projeto expansão internacional, a aumentarem significativamente a distribuição de seus filmes, estabelecendo-se como maiores produtores de filmes no mundo. A partir disso o cinema passou a receber cada vez mais a apoio e colaboração do governo para suas produções, o tornando uma forte arma de propaganda de ideias e políticas de governo (JUNIOR, 2016).

Nos anos que se seguiram, entre as décadas de 1930 e 1940, o cinema norte-americano teve grande uso para promover remontagem moral da população após a Crise 1929. Por outro lado, na Europa, com o crescimento notável do totalitarismo na região as manifestações culturais e artísticas eram cada vez mais censuradas, principalmente o cinema que possuía uma força de influência e instituição de valores.

Entre o final da Segunda Guerra e o início da Guerra Fria, décadas de 1960 e 1970, o cinema norte-americano passou por uma fase conhecida como “Nova Hollywood” na qual a exposição de temos políticas dentro dos filmes, não só ficou mais nítida como passou a ser um dos focos na roteirização da época, afim de se aproximar ao máximo da realidade vivida pela população na época. Segundo Mascarello (2006), esse período ficou marcado por três principais aspectos: uma narrativa mais focada no espetáculo e ação do que na dramaturgia; um maior foco e alcance do público jovem como audiência; e lançamento saturado dos *blockbuster* o que reduziu os espaços para outros tipos de exibição cinematográfica, principalmente as produções nacionais de outros países (MASCARELLO, 2006). Assim sendo, quaisquer produções cinematográficas que não fossem dos Estados Unidos, com poucas exceções, não tinham espaço

dentro do mundo artístico nesse período. Isso demonstra com clareza o papel do *soft power* norte-americano, que já possui a sua indústria e identidade cultural estabelecidas.

Hollywood, na generalidade, designa a indústria americana de cinema constituída por grandes empresas, por força da história ainda hoje, denominadas de estúdios, que têm desempenhado um papel fulcral na divulgação da cultura popular e símbolos nacionais nos Estados Unidos e no mundo, e cujo percurso, ao longo do século passado, foi em simultâneo reflexo e refletor da ascensão do país ao estatuto de superpotência global. (ROXO, 2006, p. 57)

O sucesso da indústria era um ponto focal do governo norte-americano, principalmente no que remetia à expansão internacional do Departamento de Estado e Comércio. Por volta de 1927, foi idealizado por Will Hays⁴, o desenvolvimento, dentro do Departamento de Comércio, um área focada apenas para o cinema (*Motion Picture Department*), com o intuito de vender de forma discreta os produtos americanos para o público mundial. Não à toa, foi identificada a participação do próprio governo norte-americano na definição de ideias e temas que seriam abordados nos filmes. Molda-se ao redor da indústria cinematográfica um plano de ações, por parte dos EUA, para a venda de seus ideias à população mundial, através da propaganda de seu modo de vida e cultura pelos filmes. Hollywood passou a servir como base para expansão da identidade nacional americana, sendo responsável assim pela aplicação, quase que principal, do *soft power* norte-americano.

Tendo em vista o interesse do governo na promoção do cinema para o mundo, sendo visto neste uma capacidade de desenvolver ideias, valores, propagandas e, mostrando sua cultura atraente, pode-se visualizar a relevância que a indústria cinematográfica tem, tornandose uma ferramenta política, e, consequentemente uma arma de influência na opinião pública. (JUNIOR, 2016, p.47)

Fica claro, portanto, a relação entre o governo dos EUA as grandes empresas Hollywoodianas. Enquanto a indústria necessitava de incentivo capital para manter o cinema no mercado, o governo do país faria proveito dela para divulgar sua ideologia, já que a melhor forma de colocar uma ideia na mente da pessoas é através do entretenimento, já que não percebem a influência a qual estão sendo submetidas (KOPPES; BLACK, 1977). Desse modo, pode-se dizer que a indústria cinematográfica apresentou os resultados esperados pelos objetivos norte-americanos, principalmente durante a Guerra Fria, na qual a ideologia tinha um poder central na disputa em um mundo bipolar.

⁴ Presidente da *Motion Picture Producers and Distributors of America*.

3.2 O cinema na Guerra Fria: Rocky Balboa

Em vista da construção de um herói para representar os valores estadunidenses e exportá-los para outros países, é possível observar a função oposta também. A partir da criação de um vilão é possível propagar os preceitos considerados negativos para o país, através da construção do inimigo nos filmes. Como exemplificação dessa ideia, analisamos os quatro filmes do Rocky Balboa, um lutador de boxe profissional, para demonstrá-la na prática. Todos os filmes da série foram produzidos e lançados durante o período da Guerra Fria, sendo que cada um representa, de forma sutil ou explícita, qual era a situação do mundo naquele momento.

O personagem criado por Sylvester Stallone representa o arquétipo do sonho americano, ele é apresentado como o “garanhão italiano”, ele é o imigrante, o estrangeiro, os pobres que vão para os Estados Unidos fugidos da guerra dos outros países e que encontram na América a oportunidade para se estabelecer e desenvolver (BRYAN, 2022). Rocky é retratado como o típico herói do povo, apegado à família e aos amigos, que mesmo com nada a seu favor de sua força incrível, literalmente bruta no caso desse filme, conquista a vitória através da determinação e esforço, bases identificadas como meritocráticas.

Os quatro primeiros filmes da série cinematográfica sobre o lutador apresentam a evolução do inimigo e da simpatia pelo protagonista grande parte dessa representação pode ser percebida nas roupas usadas por cada lutador na hora de suas lutas. Na primeira obra, "Rocky: um lutador (1976)", que se passa durante o período da Guerra Fria denominado como "*détente*". Iniciado após um período de grande confrontação, o qual ficou marcado por embates diretos entre eles a Guerra do Vietnã, os Estados Unidos e União Soviética haviam entrado em um fase, que pode-se considerar, de negociação. Apesar da retomada ao discurso diplomático, os EUA sofreram várias críticas sobre a sua falta de posicionamento e demonstração de força, o que levou até ao questionamento de sua capacidade como figura central.

O primeiro filme, portanto, é utilizado exatamente para demonstrar que os EUA ainda eram sim fortes e permaneceriam como vitoriosos durante essas disputas. Toda a história é centrada na luta que ocorrerá entre o Apollo Creed, que é a representação física dos EUA, contra o protagonista Rocky Balboa, ao qual foi dada a oportunidade de participar de uma disputa contra o campeão mundial. Apesar de o filme ser pautado ao entorno de uma disputa entre os dois lutadores, a luta surge de forma pacífica e não por uma inimizade entre os dois lutadores, o que associa ao cenário diplomático ao qual a Guerra Fria estava passando no momento, mesmo assim, o resultado da luta ainda permanece o mesmo, com os Estados Unidos, vulgo Apollo, como vitorioso.

Além disso, o filme traz alguns fatores visuais que ajudam nas alusões e associações do público à Guerra Fria, as roupas utilizadas pelos lutadores são um exemplo. Durante o evento que antecede a luta o protagonista, Rocky Balboa, utiliza uma bermuda e roupão vermelhos, associados na época à União Soviética; enquanto seu oponente, Creed, que é a representação do espírito norte-americano, aparece com uma bermuda com a bandeira dos Estados Unidos, fazendo uma associação visual clara dos dois polos.

Já o segundo e terceiro filmes - "Rocky II: A Revanche" (1979) e "Rocky III: O desafio supremo" (1982), se passam no período conhecido como “confrontação renovada” o qual se inicia durante o governo de Carter (1977-81) e acaba no meio do governo de Reagan (1981-89). Período marcado pelo maior acirramento entre as duas potências e que se estenderam, principalmente, até as disputas que já ocorriam nos territórios europeus e nos países do Terceiro Mundo.

Dessa forma estes dois filmes retratam bem a aproximação dos Estados Unidos com as revoluções que ocorriam ao redor do mundo. Na primeira película, há a afinidade entre as relações entre Apollo Creed e Rocky Balboa, ou seja, o acercamento entre os EUA e os países que estavam passando por suas próprias disputas. No terceiro filme, fica muito nítida a importância dada ao apoio dos Estados Unidos aos outros Estados. Nessa obra, o protagonista que antes foi derrotado por Apollo, agora com sua ajuda e treinamento conseguiu derrotar o oponente em sua luta principal que duvidava de sua força e capacidade. Dessa mesma forma os EUA apoiavam de forma militar e econômica as revoluções ao redor do globo, como a resistência a Invasão soviética no Afeganistão em 1979. Sendo assim, num período de plena Guerra Fria, os filmes servem como forma de manipular as noções de “bom” e “mau” internacionalmente através do estabelecimento de um herói norte-americano que luta pela população. É esse o homem que irá protegê-los e representá-los, não o outro lado.

Contudo, a construção do inimigo é exposta no quarto filme da série, "Rocky IV" (1985), de forma diferente dos anteriores, já que a política internacional é abordada como elemento central, o que reflete também o período da Guerra Fria em que foi lançado, durante o governo Reagan.

O antagonista desse filme é um lutador soviético, Ivan Drago, fazendo uma associação direta com o cenário internacional, no qual havia uma divisão clara entre dois polos, um dos EUA, que no filme é representado, inicialmente pela figura do Apollo Creed e a URSS, representada por Drago. Na entrevista de imprensa que antecede a primeira luta, o seguinte diálogo entre Apollo Creed e o repórter traz alguns relatos de como os Estados Unidos se enxergavam no cenário:

Repórter: Apollo, por que você decidiu fazer esta luta de exibição com o Drago?
 Apollo: Chame isso de senso de responsabilidade.
 Repórter: Responsabilidade? Como?
 Apollo: Preciso ensinar esse garoto a boxear no estilo americano.
 Repórter: Drago não é um pouco inexperiente para entrar no ringue com você?
 Apollo: Algumas pessoas só aprendem na pancada.
 Repórter: Alguma previsão de nocaute?
 Apollo: Não esou com reiva dele. Só quero mostrar ao mundo que a Rússia não tem todos os melhores atletas (ROCKY, 1985)

Ao interpretar este trecho é possível fica claro que Apollo é colocado como a personificação dos Estados Unidos, inclusive a roupa utilizada por ele à luta é a representação do Tio Sam (FIGURA 1). Quando ele se coloca como responsável por “ensinar o estilo americano” é a apologia ao papel central que os EUA se colocaram no cenário internacional como responsáveis por transmitir ao resto dos países qual as políticas e ideias que deviam ser seguidos, isto é guiando o resto do mundo em direção ao capitalismo. Além disso, na conversa Apollo também diz que “algumas pessoas só aprendem na pancada”, o que remete a demonstração da capacidade militar dos EUA, que foi reforçada ainda mais durante o governo Carter (JUNIOR, 2016). A última frase tem por objetivo aqui enfatizar o discurso de que mesmo como toda a força que o país possui, eles não usam o seu poderio militar com fins de ódio, mas sim para fazer o correto e mostrar a realidade de quem é o melhor em sua visão.

FIGURA 1 – Apollo Creed vestido de Tio Sam em sua apresentação para a luta contra Ivan Drago⁵



⁵ ROCKY IV. Direção: Sylvester Stallone. Estados Unidos: MGM, 1985.

Com a morte de Apollo pelo boxeador, na primeira luta, Drago é posto em uma posição de inimigo cruel que não pretende conversar e fará de tudo para conseguir o que quer, mesmo que isso leve à morte de alguém. Por outro lado, observa-se uma estratégia de construção do herói com o Rocky, através de um dos elementos clássicos de manipulação de imagem no cinema: a religião (BRITO, 2022). Na mesma cena citada acima, o protagonista é posicionado segurando o amigo falecido nos braços, em uma referência à cena bíblica “A Pietá”, criando uma imagem de santificação do personagem e ao mesmo tempo do país que ele representa (FIGURA 2).

FIGURA 2 – Rocky Balboa segurando Apollo Creed após sua morte na luta⁶



Após essa luta se inicia no filme a simbolização do mocinho, representando os EUA, através de Rocky Balboa. Ao aceitar lutar contra o homem que matou seu amigo, não por dinheiro mas para honrar a memória de Apollo, contata-se a sua imagem de homem gentil e honroso. O treinamento de Rocky para a luta contra o soviético faz várias alusões ao posicionamento da URSS no cenário internacional. Enquanto o lutador dos EUA se prepara utilizando tocos de árvores, pedras e cordas, ilustrando a honestidade e humanidade dos estadunidenses, o representante soviético é acompanhado por várias máquinas e computadores de tecnologia avançada, assim como o uso de anabolizantes, retirando assim a humanidade, que para o público aparenta mais como uma máquina que lutará contra o homem honesto (JUNIOR, 2016).

⁶ ROCKY IV. Direção: Sylvester Stallone. Estados Unidos: MGM, 1985.

Na luta final a vitória americana é concretizada. Em seu discurso de campão após a disputa Rocky diz: “ Seu eu posso mudar, vocês podem mudar, todo o mundo pode mudar”. A mudança a qual o filme, como um todo, quer demonstrar é a transformação no andamento da Guerra Fria e do Sistema Internacional com a consolidação dos EUA e sua vitória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto pode-se dizer que o cinema foi um recurso importante para os Estados Unidos desde a década de 1920, época em que os governos passam a utilizar e financiar a indústria com o objetivo de promover os seus ideais. O difusão da indústria cinematográfica norte-americana, deu-se, principalmente por um bom planejamento de distribuição, o qual almejava atingir grande parte do globo com os sua cultura e modo de vida, colocando-se como uma importante ferramenta política e psicológica. Como forma de pender as balanças de poder, sempre mais para um lado do que para outro, o cinema atuou na construção da opinião popular e se consolidou como uma das armas de poder mais importantes e eficazes que um Estado pode desejar.

Desde a Segunda Guerra Mundial os EUA já iniciavam um processo de construção de um inimigo para o cenário internacional. Com o início da Guerra Fria, o inimigo tornou-se a URSS. As relações entre o governo norte-americano e as grandes empresas de Hollywood se estreitaram ainda mais. Muitas das produções cinematográficas passaram a justificar algumas ações dos Estados Unidos como forma de contenção ao comunismo ou enaltecer o capitalismo e condenar o modelo soviético.

Os filmes da série cinematográfica do lutador Rocky são lançados em plena Guerra Fria, sendo o principal deles, Rocky IV, durante os período da confrontação renovada, no início governo Reagan. O filmes representam através do herói americano a luta que estava sendo travada internacionalmente pela própria América. Sua vitória frente ao lutador soviético, em Rocky IV, serviu para instigar um povo que também está passando por um processo de desgaste. A luta entre Rocky e Drago, portanto, nada mais é do que a representação do que se passava no cenário internacional, o esgotamento das duas superpotências e que venceria a Guerra Fria aquela que ainda tivesse uma última reserva de forças. Pode-se associar nesse caso o *soft power* e o poder de influência como uma das últimas forças restantes para os EUA, sendo que o fortalecimento de sua cultura e indústria cinematográfica foram importantes para manter o discurso norte-americano de vitória. Dessa forma é possível dizer que o cinema pode ter sido um dos elementos, que de forma indireta, que influenciaram para a êxito dos Estados Unidos na Guerra Fria.

REFERÊNCIAS

- ARON, Raymond. Peace and war: **A Theory of International Relations**, 1966.
- BRITO, Emerson. Entrevista [jun. 2022]. Entrevistadora: Isadora Negrão Moreno. São Paulo: Zoom, 2022. 2 gravações em vídeo. Entrevista concedida à disciplina de Oficina de Pesquisa em Relações Internacionais.
- BRYAN, Guilherme. Entrevista [jun. 2022]. Entrevistadora: Isadora Negrão Moreno. São Paulo: Zoom, 2022. 1 gravação em vídeo. Entrevista concedida à disciplina de Oficina de Pesquisa em Relações Internacionais.
- CARVALHO, Eliska. ROSA, Gustavo. **ENTRE FACES E ENLACES: A indústria cinematográfica norte-americana e as relações internacionais nos tempos da guerra fria.** UFFRJ, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://eventos.ufrj.br/raic/files/2016/06/2768-9957-3-SM.pdf>-
- CHOMSKY, Noam. Rumo a uma nova guerra fria. **Política externa dos EUA, do Vietnã a Reagan. Trad. Clóvis Marques.** Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.
- DAHL, Robert. Sobre a Democracia. Brasília: UnB, 2001.
- FERREIRA, Karla. **A INDÚSTRIA CULTURAL COMO FERRAMENTA DE PROJEÇÃO DE PODER: Um estudo de caso a respeito do Cinema nas Relações Internacionais.** UNILA, Paraná, 2019. Disponível em:
<https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5321/Ferreira%2c%20Karla%20Tuan%20Lopes.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- JUNIOR, Antonio. **A Indústria cinematográfica como “Arma de Guerra” no contexto da Guerra Fria: Uma análise dos filmes Dr. Fantástico e Rocky VI.** Dissertação de Graduação em Relações Internacionais - Faculdade da Serra Gaúcha, Caxias do Sul, 2016.
- JUNIOR, Edson. ZANELLA, Cristiane. **As Relações Internacionais e o cinema: Espaços e Atores Transnacionais.** Fino Traço Editora. 2015.
- KISSINGER, Henry. **Diplomacy.** 1994.
- KOPPES, Clayton R.; BLACK, Gregory D. **Hollywood Goes to War: How Politics, Profits an Propaganda Shaped World War II.** EUA: University of California Press, 1977
- MAIER, Friedrich. **A Esquemática de Poder em Nye e o Pensamento de Antonio Gramsci.** UNESP, 2016.
- MASCARELLO, Fernando. **História do Cinema.** Campinas: Papirus, 2006.
- NYE, Joseph S. **Bound to lead: The changing nature of American power.** New York: Basic Books, 1990.

- _____. **The Paradox of American Power: Why the World's Only Superpower Can't Go It Alone.** New York, Oxford University Press, 2002
- _____. **Soft Power: the Means to Success in World Politics.** PublicAffairs. 2004.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A política externa dos Estados Unidos.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Resenha de: MASCHIETTO, Roberta Holanda. Revista Brasileira de Política Internacional, v.46, n.2, 2003.
- Rocky: Um lutador.** Direção: John V. Avildsen. Produção: Robert Chartoff; Irwin Winkler. Estados Unidos, 1976.
- Rocky II: A revanche.** Direção: Sylvester Stallone. Estados Unidos, 1979.
- Rocky III: O desafio Supremo.** Direção: Sylvester Stallone. Estados Unidos, 1982.
- Rocky IV.** Direção: Sylvester Stallone. Estados Unidos, 1985.
- RODRIGUES, Lucas. **Soft Power e economia criativa: a indústria cinematográfica como instrumento de poder brando.** LUME (UFRGS). 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/140581>
- ROXO, E. S. **EUA e Hollywood: o desejo da projecção global.** 2006. Dissertação de Mestrado em Estudos Americanos – Departamento de Humanidades, Universidade Aberta, Lisboa, 2006.